

## Comissão de Defesa do Consumidor, Direitos Humanos e Segurança Urbana – CEDECONDH



Erick  
Dênil



Fernanda  
Barth



Marcelo  
Bernardi



Pedro  
Ruas



Vera  
Armando

### 009ª CEDECONDH 25MAR2025

**Pauta:** Proteção aos Direitos dos Motofretistas em Porto Alegre: Garantias Trabalhistas, Segurança e Qualidade no Serviço ao Consumidor.

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** (14h23min) Boa tarde a todos e a todas, cumprimento aqui os colegas vereadores que compõem a CEDECONDH, a Comissão de Direitos Humanos, Segurança Pública e Defesa do Consumidor, a nossa colega Ver.<sup>a</sup> Vera Armando, nosso vice-presidente da Comissão, o Pedro Ruas, do PSOL; cumprimento também todos aqui que estão assessorando os trabalhos da Casa, que estão aqui registrando este momento importante, e também quero cumprimentar os motobóis, os entregadores que estão, no dia-a-dia, cumprindo uma tarefa, um serviço essencial para a cidade de Porto Alegre, para todo o Brasil e para todo o Estado. Agora são 14h24min, terça-feira, dia 25 de março, registrando, por questão protocolar também, o horário e o dia da nossa reunião da Comissão dos Direitos Humanos. Nossa reunião tem, Pedro, como característica, ser toda a terça-feira, às 14h. Às vezes, algumas vezes, quando há necessidade, nós temos também agendas externas da CEDECONDH, mas, de praxe, a tradição dela é de ser toda terça-feira, às 14 horas, aqui na Câmara dos Vereadores.

Agradecendo a presença de todos e de todas, e cumprimentando especialmente os motobóis, nós chamamos a reunião da CEDECONDH de hoje para uma pauta muito importante, Ver.<sup>a</sup> Vera, que é uma pauta que trata dos direitos dos entregadores, dos direitos dos trabalhadores. A gente sabe que os desafios são enormes, quando se fala de trabalhador, Pedro. Se trata, no meu posicionamento, no meu entendimento, claro, como presidente da CEDECONDH, de melhores condições de trabalho, redução da jornada de trabalho, valorização salarial, e, quando se fala de motobói, se fala de um leque gigante de serviços prestados. Estamos falando de entregadores de comida, mas também que entregam medicamentos, que trabalham com produtos e mercadorias. Durante a pandemia, inclusive, nós tivemos a real prova do quanto é importante esse serviço prestado pelos motobóis que trabalham em diversos setores de entrega. Então, cumprimentando os motobóis, cumprimento o sindicato, o Sindimoto, que chamou, teve iniciativa aqui de fazer esse chamamento, fez esse pedido, Pedro, o sindicato, que eu não tenho dúvida, que é comprometido com a categoria. Toda vez que eles vêm aqui, eles falam muito sobre os problemas da categoria, eu gosto de conversar com eles porque eles expõem tudo, os mínimos detalhes o sindicato expõe: “Nós somos marginalizados, nós precisamos avançar nos direitos, a categoria está se sentindo bastante desrespeitada”. E todo mundo aqui sabe que direitos humanos, de fato, é zelar por isso, pelos direitos, os direitos mais básicos possíveis.

Dentro disso, eu gostaria de chamar para compor a Mesa, compartilhar com os meus colegas aqui, o Douglas, diretor do Sindimoto, para compor a Mesa; o Felipe Carmona, advogado do sindicato. Também quero registrar a importância de abrir as falas também para os trabalhadores que estão aqui, que possam falar, possam reivindicar.

Eu, antes de passar para os meus colegas vereadores – bem-vindo, Felipi –, gostaria de falar também o objeto, o conteúdo da nossa reunião. Nós protocolamos um projeto de lei aqui na Câmara há uns 14 dias, 15 dias, o nome do projeto, Pedro, é Selo Motoboy Amigo. Hoje, por exemplo, uma das principais

reivindicações... Bem-vindo, vereador Marcelo Bernardi, a nossa reunião começou agora há pouco, vereador, fique à vontade, e o conteúdo da nossa reunião é debater esse projeto e também escutar a categoria, Pedro. Eu acho que é muito importante quando nós, aqui da Câmara de Vereadores, escutamos os trabalhadores, é o nosso papel representar a sociedade. Eu fico muito feliz em ter esta Mesa aqui com a Ver.<sup>a</sup> Vera, Pedro, Marcelo; eu aqui, junto com a Vera, acho que os vereadores mais novos na Legislatura, entramos juntos no dia 1º, temos o mesmo tempo de Casa, e o Marcelo já tem um pouco mais, e o Ver. Pedro é o nosso decano aqui, é o nosso professor, sempre nos aconselha também, dá uma experiência no Legislativo. Bem-vindo, Douglas, que compõe a diretoria do Sindimoto. A gente sabe que esta é a Casa da população da cidade, então ouvir vocês também vai ser muito importante no dia de hoje. Nós protocolamos um projeto de lei, Ver. Marcelo, faz uns 15 dias, mais ou menos, cujo nome é Selo Motoboy Amigo, em que os motobóis possam ter, então, espaços na cidade de Porto Alegre para carregar o telefone, para tomar água, para ir ao banheiro, um mínimo de dignidade. O que acontece? Hoje, em Porto Alegre, o motobói está ali trabalhando oito horas, doze horas, com a mochila nas costas, entregando, às vezes, entrega o dia inteiro comida, mas o próprio motobói nem se alimentou ainda. Ele está ali entregando, trabalhando, produzindo para a cidade, fazendo um serviço importante, entregando medicação, mas ele ainda não se alimentou, não teve o tempo para parar. E quando o motobói tem o tempo para parar, que ele define parar, geralmente não tem um local apropriado para fazer isso. Então, hoje, a maior parte dos motobóis tem poucos refúgios, tem o banheiro dos *shoppings*, os grandes supermercados, para tomar água nem todos os locais têm água potável, para fazer higiene nem todos os lugares têm espaço, para carregar o telefone tem que contar com a sorte de achar um local para carregar o telefone. E nós sabemos que não é algo muito difícil para o poder público incentivar para que se resolva essa situação, para que dê as condições para os trabalhadores.

Então, ouvindo os motobóis, a gente percebeu o quanto esse projeto é importante, vereadora, porque ele trata da dignidade dessas pessoas. Dentro

disso, antes de passar a palavra para meus colegas vereadores, quero dizer que esse é um projeto que dialoga diretamente com a categoria dos motobóis na cidade de Porto Alegre. A ideia do projeto, no fundamento, é colocar um selo de identificação dos comércios, bares, restaurantes, que tem um incentivo, então, da Prefeitura, indicando para que os locais sejam parceiros do poder público. A gente sabe que o setor privado, por óbvio, fica a critério do dono do restaurante aceitar ou não adotar esse selo. Mas criar esse projeto de lei, criar essa lei, aprovar essa lei e, de fato, procurar, através da Prefeitura, como nós fizemos para dialogar com o máximo de bares, restaurantes e locais apropriados para, então, colocar esse Selo Motobói Amigo, que, de fato, não tem custos, se a gente for fazer uma análise real, porque hoje tu vais em um restaurante e a mesa já está ali, se tiver um custo irrisório, vereador, porque a tomada já está ali. Nós dialogamos com a galera do DMAE: mil litros d'água custa R\$ 4,50 – mil litros d'água. Ou seja, para consumir mil litros d'água potável para tomar, é muito difícil, em um mês. Ou seja, é possível que o poder público facilite, que consiga, de fato, levar esse projeto de lei adiante, que a gente possa concretizar.

Então, o conteúdo da reunião é esse, a gente sabe que a CEDECONDH é uma comissão que debate sobre todos os direitos humanos. Eu mesmo pensei, o nosso mandato pensou: vamos dialogar, primeiro, na CEDECONDH, vamos compartilhar com os colegas a proposta do projeto de lei, vamos dialogar com a categoria, para, depois, a gente ir colocar, se possivelmente ainda no primeiro semestre, nos próximos meses, essa votação no plenário, dialogando com todos os vereadores. Por quê? Porque esse projeto, de fundo, não é um projeto puramente ideológico. Ele não é um projeto ideológico, tu não estás determinando que o trabalhador é de direita ou de esquerda, vereador. Aqui nós temos nossas posições, esquerda, mais direita, esquerda, mas não se trata de ideologia, dessas ideologias de partes, e sim de uma dignidade aos trabalhadores. Então, o que a gente está sugerindo? É dialogar profundamente, falando do benefício que vai trazer para a categoria. Muitas vezes, na política, nós entramos nessa polarização, nessa discussão mais profunda e ideológica, mas não é o conteúdo desse projeto. O conteúdo desse projeto são os avanços

que eles vão ter para toda a categoria, e aí todo mundo vai usufruir, não tenho dúvida, e o motobói vai poder se sentir mais respeitado. É uma profissão que, na minha opinião, é muito ainda marginalizada, eu percebo ainda o quanto ainda se demora para respeitar o motobói. Nós, por exemplo, moramos numa capital que não tem ainda, vereador, faixa para as motos, enquanto em São Paulo e outras capitais já tem faixa para a moto, aqui não tem, Porto Alegre não avançou nesse quesito, não se estruturou para isso, então também é uma outra pauta, uma outra reivindicação. Mas esse projeto Selo Motobói Amigo dialoga diretamente com o selo dos estabelecimentos para que tenha um espaço para o motobói sentar, carregar o telefone, tomar água potável, usar o banheiro, carregar o celular, carregar a energia, e ali ser um ponto base para ele. Então, nós estamos tratando já de espaços já existentes da cidade, mas apenas colocar esse Selo do Motobói Amigo para facilitar o trabalho dos motobói. Eu não tenho dúvida que os comerciantes, os empresários, que todo mundo apoia esse projeto, é um projeto que é um facilitador de quem tem esse trabalho essencial. Então, de antemão, eu gostaria aqui de compartilhar a palavra, abrir a reunião da CEDECONDH para os meus colegas vereadores, e também para o sindicato. O sindicato é importante falar, ouvir, e também passar, depois, para a categoria poder expressar sua opinião, enfim, falar mais sobre o projeto, e sobre também essa realidade que a categoria tem enfrentado e tem vivido aqui em Porto Alegre. Então, eu vou dar início à reunião, já abro aqui, passo a palavra para os meus colegas vereadores. Muito obrigado.

**VEREADORA VERA ARMANDO (PP):** Muito boa tarde a todos, uma alegria encontrá-los aqui nesta tarde, de onde certamente nós vamos tirar muitas lições. Em primeiro lugar eu quero saudar os meus colegas aqui, o presidente da nossa comissão, o Ver. Pedro Ruas também, o Ver. Marcelo Bernardi, e aqui comendo a Mesa, então, o presidente Douglas, do Sindimoto e o Dr. Felipe Carmona, advogado sindical.

Bem, eu quero dizer para vocês, rapidamente, que eu quero mais ouvi-los do que propriamente falar, mas muito verdadeira a fala aqui do nosso vereador e

Presidente, o Erick Dênil, quando ele se refere à categoria dos motobóis, os serviços de motofrete na nossa capital, que é sim um serviço essencial e fundamental, e provas disso nós tivemos, como bem dito aqui, durante a pandemia, quando as senhoras e os senhores que trabalham nas entregas foram o nosso ponto de apoio fundamental para que nós tivéssemos comida, medicamentos e o acesso a tudo que era necessário dentro das nossas casas, porque nós estávamos impedidos, muitas vezes, de nos deslocarmos pelas ruas da cidade. Então, sempre quero agradecer, e sou extremamente grata por esse trabalho prestado. Também, em um determinado momento, eu deixo aqui o meu depoimento, eu tive a oportunidade de socorrer um bebê recém-nascido, numa situação de engasgo, e nós tínhamos pouco tempo para chegar até a emergência do Hospital Ernesto Dornelles. Então, foi graças aos motobóis que fizeram uma escolta ao redor do meu carro e me levaram até a emergência, e rapidamente eles conseguiram trancar a sinaleira e passamos rapidamente, e esse bebê foi salvo. Então, nunca tive a oportunidade de agradecer, na TV já havia dito isso, até me emociono, presidente Douglas, mas muito obrigada, vocês salvam vidas também. Então, acho muito simpático e necessário esse projeto de lei do Ver. Erick, desse Selo Motoboy Amigo, porque vocês realmente precisam ter dignidade para trabalhar, para usar um banheiro, para descanso, para celular, um ponto de apoio para conversar e para descansar, porque é extremamente estressante o trabalho de vocês. Eu sei que vocês sentem dores na coluna, dores nos braços; é dia de chuva, dia de sol, dia de vento, é um trabalho extremamente cansativo, e há sim um preconceito nas chegadas dos edifícios. Nós sabemos, às vezes, o quanto é difícil de vocês cumprirem a tarefa, e também é uma questão a ser discutida, se vocês têm que levar até o cliente, se entrega na portaria, vocês perdem muito tempo com tudo isso, e é um tempo que não é remunerado e a categoria não recebe nenhum benefício por isso. Então, para mim, vai ser um momento de aprendizado, fico preocupada porque eu vejo aqui: 31/03 - paralisação nacional; e nós precisamos do trabalho de vocês. Então, no que nós pudermos colaborar aqui, contem com o nosso apoio

e parabéns pela escolha do tema deste nosso encontro aqui, Presidente. Muito obrigada.

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Obrigado, Ver.<sup>a</sup> Vera Armando. O Ver. Pedro Ruas está com a palavra.

**VEREADOR PEDRO RUAS (PSOL):** Eu quero registrar, primeiro, presidente Erick Dênil, meu caro vereador, a oportunidade bem utilizada pelo senhor em relação ao que poderia ser trazido à nossa comissão. Esse depoimento que deu a Ver.<sup>a</sup> Vera Armando é um depoimento da maior importância, da maior relevância. E, com certeza, com certeza não é o único caso, é o único que eu ouço diretamente assim, de uma pessoa tão próxima, mas já ouvi, já ouvi por aí, Ver. Marcelo Bernardi, situações assemelhadas. Eu tenho muita alegria em cumprimentar também o Douglas, do Sindicato dos Trabalhadores como Moto, e o meu colega e amigo Felipe Carmona, advogado trabalhista conhecido, reconhecido, atua na área sindical, um amigo de longos anos, apesar de ser tão jovem, e cumprimentá-los também, as motoqueiras e os motoqueiros. Há mais motoqueiros do que motoqueiras, mas eu já vi algumas fazendo trabalho, muito bem feito, por sinal. Eu quero só, serei muito breve, dizer para vocês o seguinte: havia, Ver. Marcelo, Ver. Dênil e Ver.<sup>a</sup> Vera Armando, um período em que eu tive um debate sobre a velocidade dos ônibus de Porto Alegre, era um debate com o EPTC, até porque havia acidentes pela velocidade que utilizavam nos corredores, e eu fui verificar, eu fui, consegui uma pessoa, um fiscal que me auxiliava com aqueles aparelhos, que eu não tenho, e nós verificamos que os ônibus passavam a 60, 70 km/h, onde o limite era de 30 km/h. Mas a culpa não era dos motoristas, eu fui verificando aquilo, que o horário que davam para ser cumprida a rota era impossível de ser realizada, de ser feita sem aquela manobra. Então, as pessoas, muitas vezes, a gente vê reclamando de motoqueiros, de motociclistas, enfim, mas não sabem que ele tem dois minutos para fazer dez quilômetros, não percebem isso, não sabem disso. E ele não vai nem ganhar aquele pouco que ganha se não cumprir; e se balançar demais,

---

rebenta a pizza, rebenta o arroz, rebenta sei lá o que, ou até mistura remédios. Saudando a Ver.<sup>a</sup> Fernanda Barth... Então, para nós, é uma oportunidade singular, é uma oportunidade ímpar de podermos auxiliar esses trabalhadores nesse ofício que não é simples. E eu não dou conta, não consigo lembrar de quantos motoqueiros acidentados eu já vi, são inúmeros. Dirijo há muitos anos, na verdade, precisamente, há 51 anos eu dirijo, tenho carteira, eu tenho 69 de idade, tirei carteira aos 18... Aí, noutro dia, eu recebi um prêmio do Detran, Ver.<sup>a</sup> Vera Armando, porque eu nunca tive um acidente. E dirijo todos os dias. Em 51 anos de carteira eu nunca tive um acidente, mas o Detran não deu bola para essa minha situação. Mas, enfim, vi muitas vezes, socorri quando pude, muitas situações gravíssimas. Porque a exigência em relação ao motoqueiro é brutal. Aquele trabalhador, Ver. Marcelo Bernardi, que tem que fazer uma entrega, e eu acho que isso o Ver. Dênil levou em conta no seu requerimento muito bem posto, não tem alternativa, a não ser fazer em segundos, minutos, no máximo, aquele trecho enorme, e ele vai ter que costurar, ele vai ter que andar no meio, ele vai ter que usar a buzina, ele vai ter que se virar, ele tem que cumprir e, às vezes, ele vai cair, às vezes ele vai quebrar a perna, a coluna, e às vezes vai perder a vida. Basta entrar no HPS e já se vê: ali na traumatologia, nossa, é tudo motoqueiro. Eu fui muitas vezes no HPS para verificar as condições do HPS, enfim, e a traumatologia é uma tragédia. Vocês já devem ter ido lá muitas vezes olhar colegas, enfim, saber, e infelizmente, infelizmente, alguns, ali, a gente vê que não sobreviveram. E eu vi acontecer. Então, eu acho que nós temos que partir, o vereador-presidente colocou bem, para o mural de regulamentação, esse é um começo, mas tem também que diminuir a exigência de percursos longos em tempos impossíveis de cumprir. Só pode cumprir se passar por cima dos carros todos, se for voando a moto; não tem como, não tem como. Quando eu era muito jovem, dirigia moto, eu sei que é muito difícil, cai alguns tombos de boa lembrança na minha vida, mas é muito difícil. Agora, tendo horário para cumprir, sob pena de não receber... E disse bem o Ver. Erick Dênil: há motoqueiros que entregam comida por 12 horas e não fizeram uma única refeição durante o dia, nenhuma refeição. O centro da cidade, o centro de Porto

Alegre, tem sete banheiros públicos, todos estão fechados, todos estão fechados; tem sete e todos estão fechados. Aquele da Alfândega está fechado, o da Otávio Rocha está fechado, todos estão fechados. Então, ou a pessoa tem algum acesso em um *shopping*, em um restaurante, em um bar, em algum lugar, ou nem tem banheiro para utilizar. Talvez tenha na periferia, eu desconheço, eu falei do centro, o centro eu conheço, essa verificação eu fui fazer pessoalmente, recebi a denúncia e fui fazer, e estão todos fechados. E é uma situação que não vai atingir a mim, eu tenho escritório no centro, não vai atingir outras pessoas, mas vai atingir os motoqueiros, diretamente. Não vai atingir o Dr. Carmona, que tem também escritório, e colegas, mas vocês serão atingidos. Isso é uma questão de dignidade humana, é o mínimo. Então eu concluo por aqui, acho uma ótima oportunidade de ser debatido esse tema, e tenho certeza, Ver. Dênil, que é o começo de uma regulamentação maior que precisamos. Muito obrigado.

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Obrigado, Ver. Pedro Ruas. Cumprimento também a presença da Ver.<sup>a</sup> Fernanda Barth, que acabou de chegar. Gostaria de fazer uso da palavra, vereadora? Ainda não? Ainda não. Perfeito. Perfeito. Ver. Marcelo Bernardi, então, está com a palavra.

**VEREADOR MARCELO BERNARDI (PSDB):** Boa tarde a todos, Douglas, em teu nome, cumprimento todos os motobóis aqui que estão participando dessa reunião da CEDECONDH, da Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Vereadores, que tem este motivo: trazê-los para cá e tentar, de alguma forma, fazer essas mudanças necessárias. Ver. Pedro Ruas, Erick, Vera, Fernanda, eu também trabalhei, por quase sete anos, como taxista, então também sei o que é ficar 12 horas, 14 horas dentro do carro e muitas vezes depender da boa vontade dos outros para poder usar o banheiro, para poder fazer as necessidades, enfim, e é muito difícil a gente não ter um lugar próprio para isso - principalmente para os taxistas que não têm um ponto, que são ponto livre, como se dizia. Então, rodava Porto Alegre toda, a cidade toda, e para nós era muito difícil ficar quase 14 horas dentro de um carro e também passar por essa mesma necessidade.

---

Também, já na minha época, não era motobói, eu trabalhava de moto fazendo cobranças. Então eu saía com uma pilha, assim, de uma empresa que eu trabalhava, fazia cobranças, então também fui motoqueiro muito cedo e por muitos anos. Então sei por que esta pauta tem essa importância para que vocês possam ter a certeza de ter mais qualidade no dia a dia de vocês. Porque é isso que vocês precisam, mais qualidade, porque trabalhar e também ficar durante todo o dia nesse trânsito de Porto Alegre, enfim. Os meios de comunicação têm cada vez mostrado mais ainda, que vocês têm sofrido cada vez mais, principalmente com muita insegurança, muitos problemas em relação ao trabalho, moradores agressivos, inclusive, levando algumas situações a óbito, como tivemos algumas situações. Então é muito importante trazer para esta Casa para que a gente possa, assim... Vera, com essa tua relação, a gente sabe que todo o segmento, todo o caminho tem os maus, mas também tem muito trabalhador bom, tem muito trabalhador que sustenta a sua família, que está ali o dia a dia, trabalha em três, quatro empregos para poder pagar ali a parcela da sua moto, para poder pagar o aluguel, para poder pagar as responsabilidades da casa. Então, conte com a bancada do PSDB, com certeza a gente vai ver a melhor forma para que a gente possa, sim, trazer para esta Casa, Ver. Erick, alguma forma para que a gente possa dar qualidade, sim. Porque uma coisa é tu veres na televisão, é tu tratares de um tema, e outra coisa é nós, vereadores, termos sentido na carne, termos vivido. Então, a gente tem por experiência e sabe do que está sendo tratado nessa tarde aqui. Então, parabéns pelo tema, vereador Dêníl, e, com certeza, vamos tratar nesta Comissão aqui com o maior respeito e dignidade para que a gente tenha uma resposta positiva para os trabalhadores, principalmente da categoria. Então, uma boa tarde de trabalho a todos. Depois vamos ouvir, então, a classe para que a gente possa, sim, chegar a algum... Porque nós não podemos fazer nada sem antes ouvir vocês. Dependemos de vocês, porque quem está na rua e quem está lá no *front* é vocês. Então, é importante sempre trazer essa realidade de vocês para que a gente possa, sim, fazer as mudanças necessárias para que a gente consiga, sim, fazer essa garantia mínima que vocês merecem. Então, muito obrigado.

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Muito obrigado, Ver. Marcelo Bernardi. Gostaria de passar, de imediato, a palavra, então, para o Douglas, do Sindimoto, para também relatar sobre o projeto, mas também, Douglas, a realidade que os trabalhadores têm sofrido, e escutar também vocês. O Sr. Douglas de Freitas Bentes está com a palavra.

**SR. DOUGLAS DE FREITAS BENTES:** Primeiramente, é uma satisfação e uma honra poder estar aqui contigo, vereador, numa comissão de direitos humanos, debatendo esse assunto em específico da categoria, que é um anseio da categoria. Então, primeiramente, é uma honra poder estar aqui com os vereadores, com as vereadoras também, e que traz essa emoção, porque a gente sabe... A gente que está no trecho trabalhando, a gente, quando vê alguém passando alguma enfermidade, somos os primeiros a parar. Geralmente, nós, os motobóis, os entregadores, somos os primeiros a parar, para sinalizar a via, por causa de um fio caído, por causa de um carro batido, qualquer enfermidade do trânsito ali, geralmente, os primeiros a parar são os motociclistas.

Agradecer a presença dos meus irmãos, das minhas irmãs do trecho, aos outros companheiros e companheiras que estão aí também, trabalhando, tornando os meios de comunicação e informação serem possíveis, porque o que fica evidente nesse momento é que esse projeto não é um projeto ideológico. Fica evidente isso. E a Câmara de Vereadores de Porto Alegre vai criar um projeto para os bares e restaurantes, mas também vai abrir um precedente da Câmara de Vereadores amiga dos motobóis. A partir do momento que essa conjuntura de vereadores, independente do partido político de cada um, independente se é de esquerda, se é de direita, se é radical da extrema-direita, radical da extrema-esquerda ou se é do centro, nós, os motobóis, os trabalhadores e trabalhadoras, a gente pouco vai entender da ideologia política e partidária. A gente só quer que atenda a todos. Atende a todos, vereador. Atende a todos. E a gente só quer ter um banheiro para usar porque é muito difícil, é muito difícil, gente. Carregar comida nas costas, com fome, com vontade de usar o banheiro e sentir

constrangimento de pedir para usar o banheiro. Porque, às vezes, a gente pega, entra no shopping... Quando é dia de chuva, por exemplo, a gente usa uma capa protetora, que é uma capa de chuva, e aquela capa de chuva tem chuva, tem água, está molhada. Então, a gente sente constrangimento, a gente se sente constrangido, fora os olhares, não os das câmeras de monitoramento, mas os olhares para o trabalhador. Porque a gente aqui, com o relato da Ver.<sup>a</sup> Vera, a gente sabe que, para ti, vereadora, a gente sempre vai ser visto como heróis, a gente tem certeza disso, que, da tua ótica, a gente vai ser visto como heróis. Mas existem setores da sociedade que ainda criminalizam a gente, que discriminam a gente, e que nem para usar um banheiro a gente tem essa acessibilidade. Então, o sentimento aqui de estar podendo falar em nome da categoria, ele é de gratidão, mas é também de buscar, pelo mínimo, de dignidade aos trabalhadores e trabalhadoras, aos motociclistas e ciclistas. Porque a nossa categoria é composta também pelos entregadores de *bike*. E aqui nós temos o camarada Thomas, que está representando os entregadores de bicicleta, que também sofrem. Também se estende a eles essa discriminação e essa falta de acesso a um banheiro, a um copo d'água, principalmente nesse calor que teve agora. E não são todas as empresas que nos discriminam, não são todas as empresas que nos veem como heróis. Mas o que cabe aqui, nesse projeto, é honrar e dar uma diretriz para que esses trabalhadores tenham um copo d'água na hora em que sentirem sede e um banheiro para usar na hora em que precisarem. Muito obrigado.

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Perfeito, Douglas. Muito obrigado pela contribuição. Vou passar, de antemão, a palavra para a Ver.<sup>a</sup> Fernanda Barth, próxima inscrita.

**VEREADORA FERNANDA BARTH (PL):** Boa tarde a todos que nos acompanham. Eu acho que vocês estão sendo singelos, até, no projeto. E eu vejo, por relatos de amigos meus que, hoje, estão entre o Uber e o trabalho com entregas, outros riscos que correm e que têm tido pouca atenção: os fios

pendurados. Eu tenho um amigo que trabalha na Guarda Municipal de Porto Alegre, que é o Jeferson, e ele está no hospital. Porque ele, de moto, foi passar por uma rua que não tinha iluminação à noite e foi pego por um fio no pescoço; voou da moto e se quebrou todo, ficando sem trabalhar e com todos os problemas. Essa rua já tinha sido notificada três vezes para que a CEEE Equatorial retirasse aqueles fios dali. A sorte dele é que os fios não estavam eletrificados, senão ele teria sido eletrocutado na hora. E nós tivemos, há cerca de um mês e meio, uma reunião com o prefeito Melo e vários secretários, uma reunião que eu chamei, sobre o nivelamento dos bueiros da cidade, que é um risco de vida para os motoristas, principalmente para os motoqueiros. Então, vou deixar aqui uma solicitação para a entidade, para o Sindicato. Onde vocês encontrarem os piores lugares, vocês me mandem a foto com o endereço, que nós vamos imediatamente abrir. Patrícia está aqui, Patrícia levanta. Patrícia é responsável pelas demandas no meu gabinete. A gente abre imediatamente um protocolo no 156, e o prefeito vai designar quem tem que fazer a obra de nivelamento: se é o DMAE, se é a Secretaria de Obras ou se foi a empresa que havia sido contratada para fazer e não fez o trabalho direito. Nós temos problemas de bueiros com desnivelamento de mais de um palmo, que já estão assim há 10 anos, 15 anos na cidade. Pela falta de responsabilização, porque, na época, eram várias entidades que faziam as obras e acabava que ninguém se responsabilizava, e estão cada dia pior. Então, conto com a parceria de vocês para resolvermos isso, porque me foi prometido dentro do Executivo que haveria uma força-tarefa, mas eles precisam dos endereços e da foto do bueiro para fazer o conserto. E contem comigo para a aprovação do projeto de vocês. Obrigada.

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Obrigado, Ver.<sup>a</sup> Fernanda Barth, é uma boa contribuição para a reunião. O próximo... Dr. Felipe Carmona, passo a palavra para ti, então.

**SR. FELIPE ESPÍNDOLA CARMONA:** Presidente, eu quero agradecer também a oportunidade de estar aqui nesta casa, porque situações como essas, conversas difíceis, sempre trazem soluções saudáveis. E assim a gente aprende dentro de casa, quando o nosso pai ou nossa mãe nos educa, nos chama atenção e que, muitas vezes, a gente não gosta desse tipo de conversa, mas, no fim, as coisas melhoram. E dentro desta Casa, é Casa do Povo, a Casa que faz o diálogo, a Casa que está aqui, hoje, aberta, dentro de uma comissão de direitos humanos, e hoje os direitos humanos estão aí, a justiça, o consumidor, a saúde, e tudo isso está vinculado a esta atividade dos motofretes, dos ciclistas, hoje, que estão dentro da nossa cidade de Porto Alegre e em todo o Brasil. Muito tem se falado da ausência de regulamentação, e eu acredito que, sim, nós temos talvez algumas lacunas, mas é importante fazer um panorama histórico. Por quê? Lá na década de 1980, começou a surgir os motociclistas, porque é questão do frete, da própria evolução das cidades, e isso acabou gerando necessidades com relação à legislação. Então, em 2002, foi considerada a atividade de motociclista, já regulamentada pelo Ministério do Trabalho, com a classificação brasileira de ocupação, e, em 2009, nós tivemos uma lei que, de fato, regulamentou a atividade em todo o nível, que é a [Lei nº 12.009, de 2009](#). Com os relatos dos vereadores aqui, eu me emocionei, realmente, Ver.<sup>a</sup> Vera, com as suas falas, e também com o testemunho aqui do Ver. Marcelo, com relação às atividades. E, agora, a Fernanda Barth traz uma situação que está lá na lei, na Lei nº 12.009, que, quando foi regulamentada, havia necessidade da antena corta-pipa. Isso era uma discussão aqui no Rio Grande do Sul imensa, mas aqui nós não temos pipa, nós não temos a tradição de empinar pandorga, então, para isso, agora existe uma lacuna, porque agora a gente não precisa ter mais antena corta-pipa, tem que ser cabos de telefonia, tem que ser antena corta-cabos de telefonia, porque a quantidade de trabalhadores, e não só trabalhadores ciclistas e motociclistas, mas também transeuntes, as pessoas que usam motocicleta, se machucando, perdendo visão, até quase a vida nessas situações, é realmente uma situação gravíssima, do ponto de vista de saúde e da circulação dos trabalhadores nas vias públicas. Então, em 2009, tem a criação

de uma lei federal, que depois, em 2011, traz uma nova lei, sancionada inclusive pela nossa contrerânea gaúcha aqui, a ex-presidente Dilma Rousseff, que tratava de uma situação que hoje é totalmente desprezada pelas empresas. O Ver. Pedro Ruas, quando fala ali na questão do tempo, quando fala na exigência, quase que como eu me sinto, quando eu vejo os trabalhadores, quase como naquele videogame no Pac-Man, nos anos 1980, nos 1990, que é aquele que come, come, aí ele anda mais rapidinho para chegar a atingir os objetivos, porque é exatamente isso que as empresas começaram a fazer, a gamificar esses trabalhadores para que eles tenham *score 1*, *score 2*, *score 3*. E isso significa o quê? Quanto mais entregas, mais eles têm pontos, e mais eles recebem entregas, é quase que uma avalanche, ou seja, quanto mais entregas, mais, mais e mais, é uma coisa absurda. E, em 2011, foi criada essa lei, que veda políticas que acelerem o aumento de velocidade nas vias públicas. Qualquer empresa, em nível nacional, pode ter esse tipo de situação. Nós estamos aqui com os trabalhadores da Rappi. A Rappi é uma empresa colombiana que está comprando todas as outras empresas de aplicativos no Brasil, as empresas menores, que é assim que, muitas vezes, essas empresas grandes fazem. O iFood, é a terceira empresa de logística no mundo, comprou agora, por R\$ 7 bilhões, um grupo de fora do País. Mas a Rappi, ela promete a sua compra do seu supermercado em 10 minutos. Alguém consegue, aqui, em sua consciência, ir ao supermercado e comprar em 10 minutos? Os motoboys da Rappi têm que fazer isso. E aí, nesses 10 minutos, muitas vezes, é o tempo que ele tem que ir no cliente, e, nesse meio tempo que ele está indo, já está tocando outro. É bom para eles? É bom, porque ganham realmente a remuneração. Mas a que custo isso? O Ver. Pedro trouxe aqui um testemunho. Ao ir no HPS ou no Cristo Redentor, a gente vê os horrores disso. E a saúde pública municipal, que poderia estar tratando doentes, pessoas que, de repente, se acidentam em situações, ela está tratando de trabalhadores que essas empresas de aplicativos... E aqui, já que nós estamos no Conselho de Direitos Humanos, essas empresas estão acabando com os empregos, elas estão acabando com todo o tipo de trabalho. Enquanto, no ano de 2020, o sindicato dos motociclistas

---

tinha 480 empresas inscritas no município, regulares, pagando seus impostos, tendo, inclusive, depois uma quantidade imensa de trabalhadores autônomos contribuindo também para o município, hoje a gente não vê isso mais. Não vê mais isso. As empresas de plataforma dominaram o mercado e elas fazem o que elas querem, e não fazem o que a gente está fazendo aqui, que é dialogar, trazer o diálogo social, o diálogo para os vereadores, membros do Legislativo, para a sociedade, porque o que elas mais fazem é não escutar a sociedade e, principalmente, seus trabalhadores. Ontem, os trabalhadores da Rappi paralisaram. Sabe qual foi a primeira promessa dos representantes da Rappi aqui em Porto Alegre? Nós vamos tirar vocês e vamos botar outros, nós vamos bloquear vocês no aplicativo e vocês não vão poder fazer mais nada. Aí, logicamente, eles estão submetidos a um constrangimento enorme. O Ver. Pedro Ruas, que é colega, advogado, sabe que ele pode, vai ter direitos, certamente ele vai ter direitos, só que ele vai ter que passar por um procedimento de justiça, e a justiça a gente sabe que ela demora para, às vezes, acontecer. E, hoje, esses trabalhadores, eles não querem que a justiça seja feita daqui a dois anos ou daqui a três anos, eles querem direitos sociais, eles querem que seja realmente remunerado, adequado, que tenham direitos à Previdência Social, a uma saúde adequada, há uma condição. Eu estive ontem, Ver. Pedro e Ver. Erick, na paralisação, na Av. Dom Pedro, um lugar bonito, chique, deve ser um aluguel caríssimo naquela região, maravilha, não importa, a empresa tem que ganhar lucro mesmo. Isso está dentro lá dos objetivos que as Nações Unidas decretaram, os seus 17 objetivos, um deles é o ODS 8, que é dignidade do trabalhador e crescimento econômico, porque precisa, sim, o trabalhador precisa crescer e as empresas também precisam crescer. Mas esses trabalhadores estavam lá, não tinha... Eu fiquei 10 minutos na frente, naquele calor, não tinha água, não tinha uma barreira contra o sol. Dez minutos, eu estava suando, eu estava com uma camisetinha, suando, suando, eu imagino ficar aguardando ali 30, 40 minutos entre uma entrega e outra para poder fazer a entrega, e é isso que a gente vê nas ruas hoje. Os trabalhadores não têm um assento, nenhum assento, eles não têm um local para ficar descansando entre uma entrega e

outra, não têm banheiro. E esse constrangimento que o Douglas fala, isso é uma verdade, que, inclusive, fizemos uma denúncia nas redes do sindicato, que um restaurante que contrata os trabalhadores, cobra dos seus trabalhadores R\$ 2,00 para eles usarem o banheiro. É uma coisa surreal. Eu trabalho para ti, mas eu tenho que te pagar para usar o teu banheiro, e é isso que acontece.

Agora, com relação à saúde. A saúde, logicamente, a Ver.<sup>a</sup> Vera traz a questão das lesões, que, realmente, as lesões, quem está em moto... Eu ando de moto há muito tempo também, desde os meus 18 anos, e sempre tive uma grande afinidade com os motociclistas. Eu nunca me acidentei, estou completando agora 22 anos de carteira, CNH moto, nunca me acidentei também, mas, se eu me acidentasse, a primeira coisa que ia acontecer comigo era uma lesão no fêmur, na tíbia, no ombro. É imediato, caiu, se machucou, quebrou, vai ficar seis meses sem trabalhar, três meses sem trabalhar, sem gerar renda, família sofrendo, mas a gente tem que falar também dos danos psicológicos que esses trabalhadores estão recebendo, que é com relação a essa gamificação e essa exigência de corridas rápidas. Temos que reduzir isso? Temos. Temos que trabalhar em cima dessas empresas, temos que dialogar, fazer exatamente isso. Mas também, Ver.<sup>a</sup> Fernanda Barth, que acho que é uma coisa excelente...

**VEREADORA FERNANDA BARTH (PL):** (Início do pronunciamento fora do microfone. Inaudível.) ...e nós fizemos a proposição, em conjunto, daquele projeto para fazer com que as casas de acolhimento de pessoas com alto grau de deficiência pudessem receber recursos também da saúde e não só da assistência social. Eu acho que esta comissão tem o poder, sim, e deveria usar mais, de fazer projetos em conjunto, dos membros da comissão. Deixo a sugestão aqui para o Ver. Erick. Eu acho que essa questão de ter o corta fio, o corta cabo, ou uma legislação que seja, de alguma forma, mais punitiva para as empresas que deixam fios atravessados, colocando em risco a vida de motoristas de bicicleta, de moto, poderia sair aqui da comissão. Inclusive, poderíamos chamar as empresas para virem aqui, tomarem a sua responsabilidade. Não adianta a gente ficar reclamando individualmente, porque,

individualmente, nós somos fracos. Em segundo lugar, eu proponho aqui, de uma forma muito singela, se a Rappi não honrar os seus trabalhadores de forma digna, eu proponho um cancelamento da Rappi e uma exposição pública da postura da empresa, inclusive junto aos restaurantes que trabalham com entrega nessa empresa, para que eles se sintam constrangidos de contratar uma empresa que submete os trabalhadores a esse tipo de questão indigna. Deixo aqui a provocação. Obrigada.

**SR. FELIPE ESPÍNDOLA CARMONA:** Excelente. E, Ver.<sup>a</sup> Fernanda, não é só a Rappi, é a maior empresa de logística do Brasil, estamos aqui, a poucos metros de uma central deles, que se chama Ifood Pedal, na Av. Borges de Medeiros, já que o nosso vereador é aqui do centro, e não é só nos lugares públicos que não tem banheiro. Eles têm uma sala imensa ali para guardar as bicicletas e para que eles fiquem aguardando, só que quem anda de bicicleta muitas vezes vai de ônibus, vem de transporte público e volta de transporte público, e ele pedala a cada entrega. A gente está brigando agora, para a norma coletiva, para que as entregas de bicicletas sejam, no máximo, de três quilômetros. Então, um trabalhador de bicicleta anda 100, 120 quilômetros por dia. E lá nesse local privado não tem um banheiro para ele tomar um banho, para ele ir para casa higienizado. Então, Ver.<sup>a</sup> Fernanda, essa comissão, sim, eu acho que essa exposição dessas empresas é uma situação que realmente é necessária, principalmente para minimizar esses danos com relação aos trabalhadores e trabalhadoras, visando, principalmente, a obter benefícios à sociedade, porque um trabalhador que vai entregar na casa da pessoa – ela tem que estar sendo bem representada. Eu acho que até essa casa pode, de repente, tratar de trazer outras secretarias aqui, da segurança do Estado, do Município, da saúde, para que a gente possa debater e dialogar situações diversas. Inclusive, uma situação que hoje de manhã também, que eu quero relatar, especialmente com relação à segurança, é que os trabalhadores de aplicativos, entregas, muitas vezes... Não é para que a polícia militar vá em cima desses trabalhadores, porque muitas vezes atrasa, digamos assim, como eles dizem, as entregas, mas tem muito

---

consumidor, muita pessoa utilizando o serviço de entrega para transportar drogas. Pedem a entrega para que o trabalhador vá em um lugar, para ir em outro lugar para transportar drogas. E isso normalmente é realizado, uma grande empresa também nacional, e a gente fica constrangido de falar isso, mas os trabalhadores, muitas vezes (Ininteligível.) então, uma delegacia por uma situação totalmente atípica, totalmente surreal ali que aconteceu. Então, vereador-presidente Erick Dênil, vou, depois, aqui, nós vamos pegar a assinatura aqui do Douglas; vou trazer essa exposição aqui de todos os índices de acidentalidade das leis que estão reguladas no Brasil, para que traga a essa comissão, para que possa, assim, debater e a gente talvez aí, em conjunto, avançar nessas questões dos trabalhadores. Eram essas as minhas falas. Obrigado.

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Muito obrigado, Dr. Felipe Carmona, advogado do sindicato. Eu gostaria de complementar algumas questões também, Ver. Marcelo, que eu acho importante. Eu, inicialmente, me apresentei, mas acabei não falando um pouco mais dessa minha relação com os motobóis. O meu pai é entregador. Então, ele trabalha o dia inteiro numa uma moto, trabalha durante o dia na loja Quero, em cobranças, e, à noite, então, ele é entregador, Uber, e tem essa relação direta aí com os motobóis, é um motobói. Então, na família também, tios, amigos, vizinhos, sou morador do bairro Rubem Berta, então lá muita gente está ainda no trabalho informal. A gente sabe que as condições precárias e o risco eminente de acidente o tempo todo. Realmente, o Ver. Pedro citou aqui: a gente vai a um hospital, na emergência, grande parte que entra ali com ferimento é motobói, é perna, é braço; infelizmente os motobóis são expostos por inteiro. E é uma realidade, os motobóis entregam tudo que é tipo de produto, medicação, entrega do iFood, alimentação, passam o dia inteiro, às vezes, carregando para um lado e para outro, lanches, mas o motobói, muitas vezes, não parou para se alimentar, sob sol, sob chuva. Nós que moramos aqui em Porto Alegre, vivemos aqui, inclusive a gente sabe disso, em um dia está 40º C, no outro dia, está 15º C, 14º C, chuva, vento, frio.

A Ver.<sup>a</sup> Fernanda Barth falou uma coisa importante, sobre os fios na cidade, espalhados; então, o motobói passa, às vezes, com risco de bater em um fio de luz ou até mesmo de telefonia, é muito grande. Então, é um trabalho exposto, e, muitas vezes, tem uma impaciência, uma incompreensão da própria sociedade de não entender a importância do motobói. Então, cabe a nós também explicar e valorizar essa profissão, essa profissão que é incentivada a trabalhar cada vez mais e, de fato, ainda não tem boas condições salariais. Tanto é que a regulamentação... Tanto é que boa parte ganha o valor mínimo ali por entrega, e poderiam, de fato, ser mais valorizados; poderia ter uma legislação que protegesse mais os motobóis. Então, a comissão de Direitos Humanos – a gente até brinca aqui – é a comissão que nos dá o direito de buscar os direitos, é a comissão que debate tudo, o acesso à água, o acesso à energia elétrica, o acesso à dignidade. E os motobóis, se eu não me engano, se não me falha a memória, como o próprio Douglas comentou, no estado do Rio Grande do Sul, hoje, mais ou menos, pelo que o sindicato tem relação, são 15 mil, 16 mil motobóis.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Em Porto Alegre isso, não é? Então, em Porto Alegre, são 15 mil, é muito significativo esse número. Então, a gente percebe o quanto é importante valorizar. Então, a CEDECONDH é uma comissão que está à disposição para debater isso. A gente clama aqui os colegas vereadores, eu não tenho dúvida que existe uma vontade dos vereadores que compõem a comissão. Oficialmente, somos eu, presidente; Vera Armando; Fernanda Barth; Marcelo Bernardi; Pedro Ruas, que é o nosso vice. Então, eu não tenho dúvida que os vereadores que compõem a CEDECONDH têm interesse em levar o projeto de lei, o PL, para o plenário e convencer os nossos colegas, explicar o projeto. A gente pede também ajuda dos entregadores, dos motobóis, para que a gente possa, antes até mesmo de o projeto ir ao plenário, que a gente dialogue com mais vereadores. Repetimos

aqui também que se trata da dignidade dos trabalhadores, se trata das condições de trabalho, do acesso à água, do acesso ao banheiro, do acesso à tomada para carregar o telefone, do acesso a uma cadeira e a uma mesa para o descanso, não é? E cabe ao Poder Público incentivar, então, bares e restaurantes, colocando o Selo do Motoboy Amigo. E que os vereadores sejam amigos dos motobóis também, não é? Esta Casa também pode, de fato, comprar essa ideia e batalhar junto, pela comissão, aqui dentro da Câmara de Vereadores, para que esse projeto de lei seja um projeto aprovado pelo Poder Público. A gente sabe que, por exemplo, tem várias leis que, infelizmente, prejudicam, muitas vezes, os motobóis. A gente sabe que as condições do trânsito, também, de Porto Alegre, hoje, pela estrutura das vias, prejudicam os motobóis. Aqueles que entregam de moto, aqueles que entregam de bicicleta, também; as mulheres também que trabalham, acho que o Pedro Ruas citou bem – tem muitos homens, mas tem muitas mulheres também que exercem esse tipo de função e serviço importante. E a gente, o nosso papel é aqui é estar à disposição do sindicato e da categoria para levar esse assunto ao plenário e aprovar esse projeto de lei, aprovar e incentivar o Poder Público para que, de fato, o Selo Motoboy Amigo seja aprovado na Câmara de Vereadores. Tratar com dignidade os motobóis, tratar com dignidade os trabalhadores, a cidade ganha, o Estado ganha, o País ganha, o nosso povo ganha, não é? E a gente sabe o quanto isso é importante e necessário.

Eu gostaria também de abrir aqui por três minutos, se possível, para que a categoria também possa falar, dar relatos do trabalho, explicar também os acontecimentos, para que a gente possa escutar vocês também, também subsidiar aqui a comissão de informações para que a gente possa avançar. Eu peço que cada um fale o seu nome, se presente.

**SR. THOMAS VINCENZO:** Boa tarde a todos. Como dito, meu nome é Tomas. Eu sou *bikeboy*, atualmente de Canoas, mas, muitas vezes, eu já vim para Porto Alegre. Como dito por várias pautas aqui, estruturas, questões de água, de banheiro. Eu nunca vou desmerecer os entregadores de moto, porque, igual,

---

cansam; mas a gente, de *bike*, pedalando em um calor de 41 graus de sensação térmica, e aí chega em um local, pede uma água, é uma água quente, com gosto de terra, de barro, seja o que for. E a pessoa quer que a gente chegue lá, quer que a gente chegue rápido, chegue rápido, e, pô, nem a questão de uma água! Mas a gente tem que chegar rápido. Aí, tem que enfrentar lombada, enfrentar tudo. E também a questão das estruturas. O motobói, ou seja, o motociclista, querendo ou não, ele é respeitado nas vias. Se o cara estiver ali, no lado direito, ocupando uma via, querendo ou não, ele é respeitado. Mas e o ciclista? Não, o ciclista tem que andar em cima da calçada. Mas não pode. O CTB não autoriza. Muita gente ainda não tem essa visão das leis de trânsito para o ciclista. A *bike* também é um veículo. Então, muitas vezes, eu passo – ainda passo, como já passei recentemente, semana passada – por veículos me cortando, e tinha um baita espaço. Não é “ah, não, está passando porque é uma via curta”, mas por “eu vou cortar, vou cortar e tu que se lasque”. Mas, novamente, quem tem que chegar rápido no local de entrega, a gente.

Então, são várias questões que eu venho chamando atenção dos outros colegas, para gente fazer essa luta, porque, por muito tempo, eu utilizei como renda extra, mas, ao mesmo tempo, atualmente, eu me mantive sendo a minha renda principal. Se acontecer alguma coisa comigo, quem é que vai saber se vai ser pago alguma coisa. Não se sabe. Então, é o risco diário no trânsito, é o risco de um assalto, porque, ali, a pessoa que está de moto, ainda tem o risco, mas a pessoa ainda consegue acelerar. Dá uma acelerada. Mete a perna e vai. Então, como foi dito pelo Sr. Felipe, eu tenho praticamente registros, ali, diariamente, realmente, são mais de 50, 80, 100 quilômetros por dia. E isso, detalhe, ainda, como foi dito Ver. Erick, muitas vezes tem ainda a galera que vem para região aqui de Porto Alegre, ou para região mais movimentada, e ainda tem o trajeto até em casa. Tem colegas que falaram, eu ainda pedalo, mas 20, 10 kms até em casa. Então, tem mais todas essas questões; a gente luta pelo básico. E, quando a gente, por exemplo, um rapaz ali vem do restaurante e me dá uma água gelada, a gente parabeniza uma coisa que tinha que ser o mínimo, tinha que ser a gente ter que parabenizar pelo certo. É o mínimo. Porque é exigido, mas não é nos

dado o básico. Não é dado respeito. A sociedade não vê, não tem aquela educação do básico. É por isso que também estou representando toda a comunidade, estou junto com a galera de moto, obviamente, mas representando, principalmente, a galera de bike que passou janeiro inteiro sem promoção, sem nada, a R\$ 6,50, pedalando quase quatro quilômetros, R\$ 6,50 o dia todo. Oito, doze horas direto, às vezes, como foi dito também, às vezes, sem se alimentar, e bicicleta exige mais ainda, exige alimento, exige mais ainda água. Ficam estas palavras aí.

**VEREADORA VERA ARMANDO (PP):** Quero me dirigir mais a ti, Santiago, e agradecer o teu depoimento, porque, muitas vezes, as histórias de vidas de vocês, a população não conhece. E, por puro desconhecimento, muitas vezes, não são colaborativos, vocês precisam ser ouvidos. Eu me comprometo de levar à televisão, que, além de vereadora, eu sou jornalista. Então, eu me comprometo de levar essa nossa reunião hoje, Presidente, repercutir em um canal de televisão, onde, certamente, nós temos a oportunidade de chegar a todo o Rio Grande do Sul com essas histórias de vida. Não é ficção, isso é história real. E eu me sinto extremamente tocada, e observo, muitas vezes, vocês fazendo entregas, e não com bicicletas próprias, com bicicletas dessas compartilhadas, que nós sabemos não têm muitas condições, estrutura, de subir locais íngremes. E, heroicamente, vocês levam a comida, o alimento, e a gente percebe a dificuldade, vocês pedalando, enquanto a gente passa de carro no ar-condicionado, vocês estão ali ao lado passando por dificuldades. Um dos assuntos que eu penso que nós temos que ter, Ver. Erick, e também Ver. Marcelo, que permanece aqui conosco, um assunto que nós vamos ter que levar aqui na nossa Câmara de Vereadores, é com relação às ciclovias de Porto Alegre. A nossa capital não foi projetada para ter ciclovias. E muitas das que existem hoje, estão em locais inadequados. São ineficientes e perigosas.

**SR. THOMAS VINCENZO:** Essa questão da ciclovias é uma pauta que a gente debate entre os ciclistas gerais, porque, até para poder te dar essa continuação

para você seguir depois com a palavra, se for observado em algumas partes de Porto Alegre, não vou lembrar agora a rua, mas, se não me engano, acho que é próximo do Iguatemi, próximo do Wallig, se for observar, o chão na ciclovia tem uma marcação de 20 km/h; eu não ando a 20 km/h. Também pela questão do costume diário de pedalar, a minha velocidade é de entre 25 a 35 km/h. Como é que eu não vou infringir? Mas também não posso andar na via, por que os carros vão olhar para mim e falar que tem uma ciclovia, mas eu não estou a 20 km/h.

**VEREADORA VERA ARMANDO (PP):** Exatamente. Com relação a ciclovias, muito obrigada pelas suas informações, o que nós percebemos? São experiências diferentes. O que eu vejo, a minha visão, é como pedestre e como motorista de carro. E você tem a legítima verdade de trazer aqui a realidade do dia a dia nas ciclovias. O que nós percebemos? Há ruas, por exemplo, de mão dupla, com ciclovias e carros estacionados de um lado. A rua fica tão estreita que é extremamente perigoso andar numa ciclovia. Você sai das ciclovias e vem para a parte do asfalto, se mistura com os automóveis e segue correndo riscos. Penso que temos que enfrentar também essa questão das ciclovias, para que elas tragam segurança a todos. E não são raros os acidentes que ocorrem também nas ciclovias, não há proteção para ninguém. Mas eu agradeço realmente o depoimento, são lições que estamos trazendo e que certamente vamos poder levar adiante, com certeza.

Depois eu quero saber dessa paralisação do dia 31 de março, que eu estou preocupada.

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Obrigado, Ver.<sup>a</sup> Vera.  
Lincoln, contigo a palavra.

**SR. REMI LINCOLN ROSA DA SILVEIRA:** Prefiro ficar aqui, para que todos me olhem. Muitos me conhecem, mas os vereadores não me conhecem. Só uma pequena introdução. Isso aqui foi trânsito, foi moto, foi aplicativo, em 2020, trabalhando. Continuamos trabalhando, hoje na luta sindical, com o colega

Douglas, Felipe, a diretoria do sindicato, o Maurício, o pessoal aí, e com todos os motobóis. Porque foi falado muito em acidente, em sequelas, e eu sou um pouco disso. O antes, o durante e o depois, e eu não quero que aconteça com outros, o que aconteceu comigo. Eu tive sorte, tive sorte de sobreviver, tive sorte de ter grandes amigos para eu estar de pé. Eu não cheguei aqui sozinho. Não cheguei sozinho. O Estado ajudou? Ajudou. Dois anos depois, ajudou. Mas é esse olhar que eu quero dos nobres vereadores. A sequela está aqui. Todo tipo de dano, superei, mas passei. E também vi outras pessoas que estão trabalhando que ainda não superaram. Então, esse detalhe, esse olhar, vereadora, eu ouvi o que a senhora falou, tem que ter, sabe?! A maioria dos motobóis aqui trabalha em mais de um emprego, mas só que o nosso emprego hoje é trabalhar com três, quatro plataformas ligadas no celular ao mesmo tempo. Aí toca duas, três teles ao mesmo tempo, você tem que atender as três para ganhar mais, porque se ficar só numa não rende. O que eu estou falando aí, um monte de motobói que puxa aplicativo sabe o que eu estou falando. Os nossos três, dois empregos é trabalhar com quatro plataformas ligadas. E eu continuo no risco ainda. Mas eu não tenho muita escolha. Só queria deixar esse breve relato aí, que foi falado em questão de saúde, de sequelas. Eu acho que é importante deixar aqui o meu relato. Valeu, pessoal.

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Muito obrigado, Lincoln. Eu acho que o que o Lincoln traz é isso, não é, gente, Ver.<sup>a</sup> Vera e Ver. Marcelo, o quanto custa, não é? O Lincoln mesmo teve a perna amputada por conta de um acidente durante o trabalho. Então, a gente percebe o quanto é insalubre, o quanto é arriscado, não é?!

**SR. NATHAN BARCELLOS RIBEIRO:** Prazer, eu sou o Nathan, trabalho com a Rappi, e não tenho muita escolha, não tenho muito estudo também. E é um dinheiro que é bom, não é ruim. Então, eu estou lá já faz uns seis meses. Ontem, fizemos uma paralisação, junto com o Dr. Carmona, o nosso amigo Douglas, porque nós recebíamos um valor, e, esse valor, ao invés de aumentar, diminuiu.

Então, vamos parar; paramos. Eles vieram com um monte de propostas e fizeram uma... Tipo, não deu em nada, não é?! Mas como a gente precisa trabalhar, tem família, tem filhos, tivemos que continuar. Mas é difícil ser motobói. Eu já sou motobói há uns quatro anos, e até hoje tenho medo de andar de moto, porque toda hora tem um te cortando, é os fios, é os galhos no meio da rua, também das árvores que pegam no capacete. É difícil, já tive alguns tombos, mas nada muito grave. E eu faço três, quatro aplicativos, como ele disse, faço o 99, faço o Uber, que hoje agora tem esse 99, passageiro de moto. Esses dias eu até levei uma enfermeira, ela me disse que os maiores doadores de órgãos são motobóis. Aí tu vê, né, mas é difícil ser motobói, a gente só vai mesmo porque não tem escolha, e é isso aí. Obrigado.

(Manifestações fora do microfone. Inaudíveis.)

**SR. NATHAN BARCELLOS RIBEIRO:** Do banheiro também, muitas vezes, porque eu moro aqui perto, às vezes a gente tem que estar lá na Zona Norte, tem que ir em casa para ir no banheiro, porque eu não gosto de estar pedindo coisas, quase fazendo nas calças, tenho que ir para casa correndo, às vezes, não dá tempo de chegar em casa, paro num posto e fica meio constrangedor estar pedindo: “ah, deixa eu ir ao banheiro”. É difícil. Às vezes, as pessoas não emprestam, até posto de... “Não, é só para clientes. Se comprar alguma coisa, tu podes usar”. Ou numa farmácia, alguma coisa. Uma água, então, eu nem gosto de pedir, prefiro ir comprar no mercado, fazer alguma coisa assim, gastar do meu bolso. E comida também, nós levamos muita comida, o cheiro da comida, às vezes, nós ficamos quatro, cinco horas depois do almoço sem almoçar, e são quatro da tarde e não almoçamos ainda, pega um xis, uma pizza, aquele cheiro vem, dá vontade de comer a pizza do cliente. E se tu comes ainda a pizza, não leva, “vou comer, não vou levar”, eles te bloqueiam ali ou tiram tua conta, é coisa que não... E às vezes a corrida é oito pila, três, quatro, cinco quilômetros para percorrer. E chega lá a pizza está fria, comida fria, alguma coisa, é xingado pelo

cliente, o cliente ainda reclama de ti na plataforma, e a plataforma te pune, que nem o doutor falou, te tira uma estrela ou diminui o teu score.

(Manifestação fora do microfone da Ver.<sup>a</sup> Vera Armando. Inaudível.)

**SR. NATHAN BARCELLOS RIBEIRO:** Isso mesmo. Obrigado pela palavra.

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Gente, tem mais inscrições da categoria? Está aberto ainda. Gostaria, então, de fazer as considerações finais, sugiro que a gente faça o encaminhamento da nossa reunião da CEDECONDH. Agora são 15h36min, aconteceu nossa reunião do dia 25 de março de 2025, aqui na Câmara dos Vereadores, com a presença de todos os vereadores. Bem importante, vereadora, dificilmente a gente consegue ter os cinco vereadores aqui presentes na reunião, e hoje vieram todos. A presença da Fernanda Barth, a presença do Ver. Marcelo, do Ruas, minha presença também, então, eu não tenho dúvida de que daqui saiu um sentimento de que a gente pode, Douglas, Carmona, tratar desse tema, que é um tema importante para a cidade. Os relatos do Nathan, os relatos do Santiago e do Lincoln são relatos da vida real de 15 mil trabalhadores de Porto Alegre. Faço das palavras da Ver.<sup>a</sup> Vera as minhas palavras, o nosso gabinete 228 está de portas abertas para tomar um café, um chá, uma água. Sempre muito bem-vindos, os trabalhadores já conhecem o nosso gabinete. E a gente também, ao mesmo tempo, vai caminhar junto.

Acho que o Douglas vai querer fazer um chamamento para o dia 31. E dizer para vocês que, no dia 31 de março, eu sei que é a paralisação dos trabalhadores, dos motobóis, pedindo reajuste, e justamente a pauta é essa, a pauta central, e essa pauta é a pauta pela dignidade dos trabalhadores. Muitas vezes, a gente pensa que é contra os serviços, que é contra as empresas, não, é em busca de dignidade dos trabalhadores. É uma reivindicação da categoria. Então já confirmo para vocês até mesmo que, no dia 31, Douglas, Carmona e toda a categoria, eu, enquanto vereador, enquanto cidadão de Porto Alegre, estarei presente junto com vocês, participando da paralisação. A gente vai estar lá, vai

estar junto, ao lado de vocês, participando desse momento tão importante para o sindicato dos motobóis, para a categoria. Então, dia 31, estarei ao lado de vocês, sem dúvida, participando desse momento democrático. Uma paralisação que vai ter, não tenho dúvida, respeito da sociedade que reconhece a dignidade que vocês precisam para ter um ambiente de trabalho mais saudável, inclusive. Então, contem comigo, contem com o nosso mandato, e não tenho dúvida também, depois da fala dos vereadores aqui, que contem com a CEDECONDH. Todo mundo aqui tem um compromisso também de defender os trabalhadores. Então, gostaria de deixar o Douglas, que pediu para fazer um chamamento, falar um pouco mais sobre o dia 31. Acho que é importante registrar o convite também aos demais vereadores, Douglas, aqui da CEDECONDH e da Casa, da Câmara de Vereadores, que possam participar desse momento no dia 31. Dizer o local, o horário, como vai funcionar, quais são as pautas também, vai ser bem importante para que a gente tenha conhecimento aqui. Está bom?

**SR. DOUGLAS DE FREITAS BENITES:** Obrigado, vereador. Em relação à preocupação da vereadora...

(Manifestação fora do microfone da Ver.<sup>a</sup> Vera Armando. Inaudível.)

**SR. DOUGLAS DE FREITAS BENITES:** Sim, nós provamos a essencialidade do nosso trabalho. Nós provamos isso de forma muito profunda, porque trabalhar com algo que tu não tens a garantia do teu retorno, isso é um grau muito elevado. Mas assim, a tua preocupação, vereador, se estende e se multiplica a cada trabalhadora, a cada motobói, a cada entregador, entregadora, às *motogirls*, que são as mulheres. Essa preocupação se estende a nós, porque a gente também se preocupa se a cidade, se o Município, se o Estado ou se o País ou se o mundo ficarem sem telentrega. O que vai acontecer com o mundo, se o entregador decidir não entregar? Será que a sociedade vai ter a sua continuidade, a sua reprodução de forma normal? Faz lembrar aquela música do Raul, para o mundo, ou o professor não foi à escola, porque não tinha ninguém para... E eu acho que é sobre isso, essa paralisação. Essa paralisação não é uma preocupação só de

quem tem a necessidade da telentrega. O cadeirante, o deficiente físico, o que não pode ir na portaria, o idoso, a gestante ou até mesmo a mãe que recém pariu, o pai está trabalhando e ela não pode deixar o bebê sozinho para ir fazer comida ou para ir buscar o lanche no restaurante, enfim. Os exemplos são os mais diversos, e não é de exemplo que a gente vai justificar a convocação da paralisação, e sim com a preocupação, mas é a nossa preocupação. É a preocupação de entrar na farmácia e comprar o azul, o vermelho, o estoque, é de o trabalhador ter poder de compra também. É da gente poder olhar o estoque de fralda, olhar todas as fraldas ali e ver qual a nossa filha e o nosso filho realmente merecem usar. Essa é a nossa preocupação, meu irmão. Essa é a nossa preocupação. Então, vereadora, as empresas de aplicativo se aproveitaram dos brasileiros, embora uma delas seja brasileira. E nesse aproveitamento com a gente, eles acabaram embelezando toda uma estrutura da sociedade. E nesse embelezamento, vem a questão da notoriedade pública, com a qual a senhora vem se comprometer conosco aqui, de levar para a sociedade, através do jornal. Agradeço e já lhe peço, porque a gente agradece e pede que a senhora estenda esse seu apoio para a nossa paralisação, para que essa paralisação tenha um alcance inimaginável. E não é para boicotar as empresas de aplicativo de operar no Brasil, não é isso que nós queremos. O que a gente quer é a valorização do nosso trabalho, porque eles cobram da gente um compromisso desigual, um compromisso desigual. Eles cobram do cliente que está financiando um valor que, dependendo da classe social daquele cliente, ele não vai poder comprar. E a gente vai atribuir isso naquela questão, assim como tem a OIT, que é a Organização Internacional do Trabalho, tem a Organização Internacional do Comércio, que tem também suas recomendações para as empresas também não disputarem mercado de forma desigual. Se a gente for também classificar o trabalho hoje que a gente exerce, a gente vai ver que também é um trabalho análogo à escravidão. No Brasil, tem lei sobre trabalho análogo à escravidão, que desapropria terra, que é usada com mão de obra análoga à escravidão. E o que é que a gente vai fazer com os aplicativos, se for configurado trabalho análogo à escravidão? A gente vai desapropriar?

Qual é o caminho que a gente vai fazer? Mas esse debate, essa conversa antecede a conversa de hoje, que é a dignidade do trabalhador. A preocupação do trabalhador é porque as empresas de aplicativo estão cobrando valor acima do que é repassado a nós. Não é só sobre o reajuste da nossa taxa de entrega, porque os trabalhadores aqui no Estado do Rio Grande do Sul estão organizados, estão unidos pela base, estão conscientes da sindicalização, do compromisso do sindicato com eles, deles com o sindicato, do sindicato com eles, e a gente vai formalizar isso em todos os atores competentes. Que estes trabalhadores levantem as mãos, meus irmãos, levantem as mãos, mostrem os calos para mim aqui, mostrem. Esses trabalhadores, eles têm calos nas mãos, porque o mundo do trabalho evolui, mas os calos são os mesmos. E esses trabalhadores, eles não têm medo dos tribunais, as empresas é que têm. Muito obrigado. Ah, desculpa. Dia 31 de março, segunda-feira, em princípio, em torno ali de 11h30min, meio-dia, a gente vai estar se reunindo no *hub* de uma das empresas, na calçada do Shopping Praia de Belas. Eu acredito que, se chegar 11h30, já vai ter os entregadores de bicicleta se organizando lá, para receber a motociata dos trabalhadores e trabalhadoras, que vai vir de comboio da cidade de Canoas, que é onde vão se reunir os trabalhadores do Vale dos Sinos, Região Metropolitana e Grande Porto Alegre, em direção aqui à capital, que é onde a gente vai buscar a formalização e a competência em relação à justiça social, à justiça do trabalho. Muito obrigado.

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Muito obrigado, Douglas, obrigado ao sindicato, a todos os motobóis, a toda a assessoria da Comissão dos Direitos Humanos, minha colega Ver.<sup>a</sup> Vera Armando, meu colega Ver. Marcelo, justificando aqui a ausência do Ver. Pedro Ruas e também da Ver.<sup>a</sup> Fernanda Barth. Pergunto aos colegas se querem fazer consideração finais.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

**PRESIDENTE ERICK DÊNIL (PCdoB):** Perfeito. Já registrando, gente, a nossa felicidade de escutar vocês, atender às demandas, e a gente poder, de fato, em conjunto com a Comissão dos Direitos Humanos, propor esse projeto de lei para a Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Junto com isso, já antecipo que, no dia das votações, a gente vai avisar toda a categoria, é muito importante a presença de toda a categoria aqui na Câmara. Nós sabemos que o ambiente muda, quando os trabalhadores estão presentes, fortalece essa batalha. Eu não tenho dúvida, nós vamos dialogar com o restante das bancadas dos partidos para que construam um caminho necessário pela aprovação desse projeto de lei. Mas não apenas isso, para que a gente consiga, de fato, cada vez mais receber vocês na Câmara de Vereadores, cada vez mais dialogar no sentido dessa construção. Encerrando a nossa reunião da Comissão dos Direitos Humanos, terça-feira, dia 25 de março, 15h51min, reunião da Comissão dos Direitos Humanos, Defesa do Consumidor e Segurança Pública, receber o sindicatos dos motobóis, os trabalhadores, com o quórum completo da comissão. Vida longa aos trabalhadores, vida longa ao sindicato, e vamos juntos pelos avanços da classe trabalhadora. Muito obrigado, gente, até a próxima reunião. Gostaria, depois da reunião, de tirar uma foto com os trabalhadores, convidando meus colegas vereadores para participar deste momento. Muito obrigado. Ótima semana a todos. Sem mais a tratar, dou por encerrada a presente reunião. Muito obrigado.

(Encerra-se a reunião às 15h51min.)